

HÁBITO ANTIGO

Livro 142

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



MÃOS A OBRA

Agora que passei ao limbo minhas metas, meu tempo é meu, mãos à obra.



SEM IDADE

Minha infância não envelheceu, se nega a ter idade. Meus afetos sem coordenação se dirigem àqueles que estão sempre por ali passeando nas entrelinhas da minha memória, distribuindo recepções. Nossas saudades são eletivas, elas nos surpreendem quando nos fazem lembrar na essência das nossas existências, as pessoas chegam e fazem histórias, um tempo que espera conduz a virtude que descarta aquele que não entende de vínculos.

PRESSA

O mundo vive com pressa, parece uma olimpíada para amadores, as urgências me fazem adiar as manifestações mais valiosas, sempre impostas por decisões alheias de quem não me conhece e nada entendem de mim.



DISCURSOS

Discursos são plumas que adornam as realidades, mas também que escravizam as liberdades, elas se apresentam sem ônus, sem juro, com todas as conveniências do prazer como fim. Elas escondem a contrapartida do sexo sem custos, acreditam que sendo assim, são ocultados os juro mais elevados da sua vida.

HÁBITO ANTIGO

Esgotado em devaneios, acuada por um silêncio cúmplice, repeti um hábito antigo, escondido nos próprios sonhos, detrás duma máscara fingindo serem realidades. Calado entre ordeiras desilusões e eternos vazios arrastando antigas tristezas, envelheço, aguardando que algo ou alguém a transportasse para um lugar onde as coisas acontecem, que viesse dar vida aos meus sonhos que desconcertados contemplam absurdos sem valores e sem critérios.



CATIVADO

Cativado por recompensas simples, por afagos com que se adornam feito a minha inocência de criança pequena. Toda vez que isso acontecia o alvoroço tomava conta de mim cobrindo todos os vazios alcançáveis. Dissimulado escondia o enorme prazer que me invadia arrastado por uma rajada de ânimo provocado, encurralando-me em um caos me vi cercado de desejos descontrolados.

NADA PESSOAL

Nada pessoal, mas por leitura continuada do que se produz ao meu redor, há uma intenção de afastar os humanos de suas conquistas civilizatórias. O que foi conquistado ao longo de anos está sendo destruído pelo poder concentrado nas mãos de sórdidos com poder e interesses.



TARDANÇA

Não sei se essa tardança é uma pausa ou uma demora, um pouco mais de ficar um pouco ao atrasar o tempo de ir. Que algum atraso ponha luz no caminho, saberá ele algo de pressentimentos, desperdiços e rumos? Saberá ser um caminho anfitrião?

ALGUM ABSURDO

Incapaz de recuar diante de algum absurdo, sempre me sinto impelido ao confronto. Não aceito recolher a voz, imaginar com que passos cruzo o caminho, se minado ou desistido. Quais territórios nos foram roubados e quais pertences ainda esperam me roubar?



AUSÊNCIA DA ÉTICA

Sigo tentando ser puro, desafio as leis da gravidade depois de tantas mutilações. Meteoros, estrelas cadentes, traições de falsos amigos, presenças invasivas, juízes corruptos, debochados, duram meses alterando minha digestão, acordo a noite entre a mentira de ontem e a mentira de hoje, entre o deboche apoiado e a falsidade confirmada, vivo o colapso da razão, a vida ficou inflamável, perigosa, qualquer idiota se auto denomina especialista, o leitor da crônica da televisão virou especialista em coisa alguma, mas fala com a

postura da autoridade de quem discorre pelo vírus, pelo acidente na esquina, pela exposição perversa da privacidade, pelo valor do corpo oferecido como objeto inútil e coletor dos piores da espécie. Envelhecem sem autoridade e sem sentido de existência a ser preservado.



EXTREMAS AÇÕES

Ainda não me acostumei aos absurdos das extremas ações, as quais estou desacostumado, habituar-me a elas ensejam tempo e tolerância, perdi a ambos nos últimos e inesperados confrontos. Por isso desloco a energia de combates para aprender novas formas pouco disponíveis de existir em paz. Procuro parcerias.

NOTA

Eu seguirei fazendo o mesmo, esta será uma maneira de lembrar coisas em comum um abraço, vou dormir, amanhã sigo preparando um número enorme de livros para publicar este semestre ainda, depois lhes faço saber. Vou publicar na rede grátis para que todos vocês tenham acesso, carinhos fraternos para todos aqueles que me mantem vivo nas suas memórias.



A VONTADE

A vontade propriamente dita é imensa e infinita. Finito o tempo de sua demonstração, chegando com luz própria, como uma estrela, devagar, iluminando-se e indo, passageira como o tempo, bebeu toda minha sede, me gastou como montanha e me rolou como pedra de rio.

AS PELES

As fantasias e as peles perdem a força, se escondem atrás das idades. Elas mantêm a ousadia nos sonhos dramáticos, invadem as noites como impotências programadas, nos conflitos com as memórias, nos vazios de alguém que não sabe mais, que é quando se fica invisível a si mesmo.



EPÍLOGO

Deixar-me possuir até entregar os pontos, entregar-me à leitura dos sonhos, de sonhos díspares que se entrelaçam por fronteiras mal determinadas, criando sombras que superpõem segredos e me prendem na rede. Coisas que o vento não leva.

OS DIAS

Os dias, diferentemente da minha falta de pressa, contam velozes recordatórios à espera de um desfecho. Insistentemente misturam os anos que, congelados em perdurar, desafiando as ordens, enfrentam a razão.



SEMENTES DOS MORTOS

Propenso a aderir propósitos vastamente criativos. Para irrigar o lugar mais importante de todas as nossas vidas, faço uma viagem segura e tranquila do mundo mortal para o reino imortal. Faço-me transportador em cujo ventre carrego sementes dos mortos ressuscitados. Feito peregrino, guio o tempo e o sonho da imortalidade, mero transportador, recrio a originalidade dos ancestrais.

ÁGUAS ESCONDIDAS

Meu corpo guarda águas escondidas nas minhas lágrimas. Buscam os dons que as acompanham, as cores que guardam eternas acatadas pelo destino, à espera da revelação dos mistérios guardados nesse rio que desagua por tantas ausências.



MEUS ANTEPASSADOS

Não é externo, vem de um lugar conhecido; esteve alojado no coração, mudo, cercado pelo afeto que reveste a memória que espera a hora de deixar passar cheia de sangue, nutrindo visíveis angústias, saltando com o extremo das suas forças uma vida que transborda o tempo, rompe o silêncio avisando-me que em mim, todos os antepassados renascem.

NÓ DO NERVO

Enquanto desfaço o nó do nervo, tenso, desviado do bom caminho, inconveniente, entro em desordem, roubado na tranquilidade banhada em choro que me faz jogar fora a raiva e pedir-te para ficar.

Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar a história.



FLORES E RAÍZES

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, embora um pouco esfolados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e na contramão.

Implanto, transplanto, refaço o já feito.

A PORTA DA CASA

Prazeres ferozes, intensos afetos familiares serviram de modelos, acabaram nutrindo saudades. Inauguraram moldes, a porta da casa das palavras, os anexos provando sons escondidos nos meus silêncios, misteriosamente guardados nos meus esquecimentos.



O QUE ME RESTA POR VIVER

As limitações atuais, impostas pelo tempo que me cabe existir, me fazem viver tempos muito estreitos, por isso não posso desperdiçar mais o que tento para entender o que necessito no tempo que me resta por viver.

FEITO DE BARRO

Venho feito barro, sangue, memória, histórias, migrações por fome, por guerras oferecendo o sangue dos inocentes. Venho de cruzar mares, desertos, venho de andar em silêncio, de gritar de medo, de não dormir de noite ouvindo a voz do pensamento acariciando meu passado.



POUCOS SILÊNCIOS

Presentemente, tenho poucos silêncios para oferecer, nada me desvia dos meus propósitos, pulo as margens, evito relacionar-me com o que não valha a pena, provavelmente me refugio no conjunto que descrevo. Ali parto numa aventura sem fim, tantas as coisas por dizer.

MOTIVOS

Nada deve pôr a perigo a espontaneidade. Talvez jamais admita a aceitação dos motivos que sustentam esses meus desejos. Ficou tão estreita a ação, que se mistura ao tempo, aos sentidos, à memória espontânea e receptiva, convidando a um profundo e sincero encontro que sem previsão, deixa registros, e é por isso que a memória responde com o entusiasmo da recuperação. Ela não tenta corrigir, ela inaugura de novo uma fascinação abandonada, que eu supunha haver perdido.



ALMA AFLITA

Impedi que a vida corresse hasta a alma aflita que não aceita pormenores. Vicieimei em viver por inteiro, mesmo que saindo de mim as vezes por força das circunstancias, a alma voltou-se teimosa a estancar-se toda vez que a pressa evocava urgências.

DESPERTO

Desperto pela manhã me encerrando a visão, embora eu abra os olhos para ver o tamanho da exploração e fazer balanços das ruínas dos outros, que pedaços restaram, quantas despedidas, quantos finais. As despedidas sentem falta dos encontros, a solidão, às vezes, gosta de companhia. Eu jamais saberia quanto vale um vazio se não houvesse encontrado o pleno. A paz não seria um caminho sem a desolação.



ESPERANÇA

Não houvesse a esperança que lava esse olhar e acalma a pressa, o tempo me houvesse atropelado se fazendo cargo do um grave encurtamento. Me tiraria o sentir, trataria de tirar-me o prazer de cada minuto viver, me faria deixar de sonhar, enterraria minha avidez e minha memória que me guarda todo.

O PÁTIO

Nos fundos daquele pátio que à noite eu não frequentava, no meio de cobertores e lençóis, imaginava as galinhas, os gatos e o canteiro da minha mãe recebendo o orvalho e o frescor de todo aquele espaço que existia entre eles e o meu medo.



EVITAR A MORTE

Para evitar o tema da morte, me refiro ao breve tempo da minha vida. Destinado a essa dissolução permanente e inexorável que indica exaustão celular, guardei a salvo, tutelada, uma imortalidade inventada unilateralmente, decidido a tornar-me inacessível à morte. Não lhe forneço o endereço e, magicamente, a controlo em meus sonhos. Incluo-a em alguma dimensão absurda.

FRÁGEIS MEMÓRIAS

Frágeis são as memórias nas quais confio guardar meu passado. As memórias são moldes de uma história e retratam aquilo que fomos superando o tempo, que fica atualizado quando as recuperamos. Harmonizando-se com o andar do tempo, saem à superfície como velhos caminhos recuperados. Modeladas como ações etéreas, quase impalpáveis, só lhes damos a condição de realidade pelo que espelham. É preciso estilhá-las para refinar o tragável, convidando-as a sair do retiro, para que elas quebrando os silêncios de resignadas ausências.



COISAS USADAS

Secar o esquecimento, cessar de morrer, interromper o degredo são algumas tarefas daquele que por franqueza nunca poderá esquecer de si mesmo totalmente. Ainda que as vezes sofrendo, acabam por terminar o

exílio destes pedaços do passado quando desaguam as grandes afeições esquecidas com as memórias relegadas, suprimidas da luz do dia postas no baú das coisas usadas.



Roberto Curi Hallal

